

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 5 DE FEVEREIRO DE 1996

*Senhora Ministra da Indústria, do Comércio e do Turismo, Dra. Dorothea Werneck; Senhores Embaixadores Encarregados de Negócios, que nos dão a honra da presença nesta manhã aqui, no Palácio do Planalto; Senhores Ministros de Estado; Senhor Líder do Governo no Senado, Senador Êlcio Álvares; Senhores Presidentes das Associações de Classe, que aqui se encontram; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores;*

Creio que a Ministra Dorothea disse, em poucas palavras, tudo o que o Governo queria expressar, neste momento em que se dá um passo importante para concretizar o objetivo, como também já o disse a Ministra Werneck, não que fosse meu, era nosso, nosso em sentido amplo; não do Governo, das empresas também. Há alguns anos, desde quando eu estava no Ministério da Fazenda, discutíamos, muitos dos que aqui estão, a respeito das possibilidades e da necessidade de chegar-se a uma implantação mais sólida do parque automotivo no Brasil.

De fato, são números que me assustam – me assustam no bom sentido: fico feliz com eles. Acho que é porque a Ministra hoje veio de *pink*, eu não sabia se era adesão à CUT ou o que era... (*Risos.*) Mas ela não faria uma

adesão sem a Força Sindical, sem o CGT, de modo que acho que foi mesmo para comemorar o fato de estarmos hoje, aqui, dando um passo muito importante. E que não foi fácil: a presença do Ministro das Relações Exteriores é prova disso. É que significou também uma negociação complicada. Estamos reorganizando o sistema mundial de produção, e isso tem implicações de toda ordem, implicações institucionais, implicações no emprego – daí a presença do Ministro do Trabalho – e requer muita negociação. Mas o fato é que estamos avançando.

Também a mim me compraz o fato de estarmos juntos no Mercosul. Isso é muito importante. Os números são impressionantes – o número no conjunto do Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina –, um sinal muito forte de que vamos continuar expandindo a base industrial do Mercosul.

Mas, sobretudo, há aqui um ponto de convergência entre os Governos dos nossos vários países, empresários e trabalhadores. Temos que analisar as coisas sob todos esses ângulos, sabendo também que o cliente é fundamental, o bem-estar da população. Não é só dar emprego: é preciso criar condições de renda e de desenvolvimento econômico que permitam a absorção de uma parte considerável dessa produção dos nossos próprios países; e mantermos, também, linhas muito fortes de exportação.

Haverá dificuldades, sempre as há: temos que reorganizar a produção, haverá desemprego tóxico, necessidade de retreinamento de mão-de-obra, necessidade de expansão de postos de trabalho. O Governo está fazendo o esforço necessário porque é consciente de que essa matéria passa a ser fundamental, não pelo volume global de desempregados, até porque os dados estão mostrando que o Presidente tinha razão quando várias vezes disse que não estávamos numa situação de desemprego nem de recessão, mas estávamos com problemas pontuais, tanto num caso quanto noutro. Os dados hoje confirmam, plenamente, que tínhamos crescimento econômico e diminuição da taxa de desemprego. Foi o que aconteceu no ano passado, o IBGE e o Dieese mostram isso.

Mas as médias escondem realidades que às vezes são cruéis. É que, em certos setores, houve realmente uma penalização grande, e cabe aos empresários, ao Governo e aos trabalhadores, em conjunto, darmos

solução para essas questões que ocorrem aqui e ali. E é com esse espírito que vamos continuar trabalhando.

Acho que a consolidação da estabilização da economia brasileira, do controle da inflação, hoje já vê o horizonte mais desanuviado; nós vamos marchar e tomaremos as medidas necessárias. O Brasil sabe que o Governo toma as medidas independentemente de popularidade ou impopularidade, porque não é isso que conta: o que conta é estar convicto da certeza do rumo, e nós estamos convictos da certeza do rumo.

Mas não basta a estabilização, precisamos de crescimento. Já temos, hoje, condições para divisar um futuro de crescimento sustentável. Acho isso fundamental. E, daqui por diante, a linguagem do Governo tem que ser não só a da estabilização, mas a do crescimento. E crescimento sustentável quer dizer crescimento que não só não seja negativo para o meio ambiente, mas que seja positivo para a população; ou seja, que dê emprego e condições de renda.

Nesse processo, sobretudo na distribuição de renda, não basta emprego, é preciso também educação. Temos nos empenhado, fortemente, em apoiar os programas educacionais, sobretudo na questão da educação fundamental, porque, sem o treinamento e sem a adaptação da mão-de-obra às novas técnicas de produção, não haverá a possibilidade de ocupação dessa mão-de-obra, nem de participação efetiva e benéfica no produto nacional. Isso é fundamental, e creio que os caminhos já estão traçados.

Mas agora precisamos de mais ânimo, de mais entusiasmo, de mais otimismo, de acreditar no que estamos fazendo, porque aí estão os números. Esses não sei quantos bilhões de investimento – que eu quero ver mesmo aqui – esses milhões de carros que vamos fabricar, esses bilhões que vão ser exportados já este ano, isso é um indicador tranquilizador dessa matéria. Não adianta estarmos aqui nos antecipando, vamos esperar sempre os resultados, no fim deste ano. Tenho certeza de que os resultados, no fim de 1996, serão melhores do que os do fim de 1995, que foram melhores que os do fim de 1994, que, por sua vez, foram melhores que os do fim de 1993, 1992, 1991, 1990. Estávamos numa fase

difícil, numa fase, realmente, de recessão, de muitos problemas. Mas depois superamos.

Então, nós, hoje, estamos num outro patamar: um país mais confiante, um país que não se assusta com os problemas que está enfrentando; um país, também, que sabe que não quer um crescimento em ziguezague – não adianta crescer 10% num ano e, no outro ano, ir para o negativo; não é esse o nosso objetivo.

Acho que os senhores são testemunhas de que o Brasil já mudou. O fato, mesmo, de estarmos aqui, todos juntos, com esse espírito novo é o testemunho maior disso. E os líderes sindicais não estão aqui porque estão mudando o espírito lá na Previdência, o que é um fato histórico. Vamos esperar as votações, para ver se o Congresso confirma a História. De qualquer maneira, a disposição do movimento sindical, das centrais sindicais, da parte política dos partidos, do Governo, numa matéria tão delicada quanto essa da Previdência Social, de chegar-se a um entendimento também é prova de maturidade do País.

Quanta gente tem-me dito — a mim não dizem, mas de vez em quando vejo, aqui e ali, recadinhos pelos jornais: “Ah, o Governo tem que ser mais duro.” Ou: “Não, está cedendo muito.” Não, o problema aqui não é de ser duro, ceder ou não ceder. É de haver convergência quanto aos objetivos e perceber o problema. Só o fato de essa sociedade ter tomado consciência de que não era possível cruzar os braços e achar a reforma uma coisa negativa é um êxito extraordinário.

Voltou-se ao bom-senso: ser progressista é ser a favor da reforma. Ser conservador é ficar contra as reformas. Custou um pouquinho, mas está se voltando ao bom-senso, e essas reformas vão contribuir muito para o desenvolvimento de tudo que aqui está, porque vai aumentar a confiança de todos no Brasil, porque sabem também que nós estamos olhando não apenas para o momento atual, mas para mais largo prazo. Essa reforma da Previdência, eu disse tantas vezes, não vai beneficiar em nada o meu Governo. Em nada. O que era necessário para fazer a Previdência funcionar durante os três anos que me restam de mandato já foi feito. Nós já adequamos, por medidas parciais, infraconstitucionais, o caixa da Previdência. Estamos pensando é no futuro, é em não

trazer uma espécie de peso para o futuro do Brasil, uma eventual impossibilidade de o sistema previdenciário funcionar. Nós já estamos vivendo mais adiante, não estamos vivendo só no dia-a-dia.

De modo que eu queria apenas – perdão, já falei sobre outro tema que não era o desta manhã, mas é porque, no fundo, os temas vêm juntos – mostrar a imensa confiança que tenho nos senhores, nos nossos trabalhadores, no Congresso, nos nossos Ministros e, sobretudo, no futuro do Brasil.

Muito obrigado.

